

**Curso Básico
sobre o
Carisma
Missionário
Franciscano**



**A missão
franciscana
segundo as
fontes modernas**



Lição 9

**Curso Básico
sobre o
Carisma
Missionário
Franciscano**



**A missão
franciscana
segundo as
fontes modernas**



Petrópolis 2001

Lição 9

© FAMÍLIA FRANCISCANA DO BRASIL
Rua Coronel Veiga, 1705 – CEP 25655-152
Caixa Postal 90.174 CEP 25621-970
PETRÓPOLIS – RJ

Copyright do original alemão

Comissão Internacional do CCFMC.

Edição revisada conforme as propostas do Congresso Internacional do CCFMC, em Assis, Itália, 1994.

Redação original em língua alemã

Anton Rotzetter OFMCap, Maria Crucis Doka OSF,
Margarethe Mehren OSF, Patricia Hoffmann-Kayser,
Othmar Noggler OFMCap, Horst von der Bey OFM e
Andreas Müller OFM

Layout

Jakina Ulrike Wesselmann
Centro Missionário dos Franciscanos (MZF)

Tradução para o português

Malina Hoepfner RSCJ

Revisão literária

Renato Kirchner



Texto das fontes	4
Como todos os tempos, também o nosso tempo é de Deus	
I. Introdução	5
II. Visão de conjunto	6
III. Informação	7
1. Justificativas da missão franciscana	7
1.1. A família franciscana é em si mesma missionária	7
1.2. Cada irmão, um missionário; cada irmã, uma missionária	9
2. A característica específica da missão franciscana	9
2.1. Atitudes fundamentais	9
2.2. O que significa a saudação "Paz e Bem!"?	13
3. Respondendo a uma objeção	17
4. Algumas aplicações práticas	18
4.1. Esperar novas iniciativas proféticas e missionárias	18
4.2. Trabalhar pela unidade da humanidade	18
4.3. Criar estruturas necessárias para a formação	18
4.4. A importância da conscientização missionária	19
Fontes eclesiais e franciscanas	19
IV. Exercícios	20
V. Aplicações	25
VI. Bibliografia	27
VII. Legendas das ilustrações	28





Texto das Fontes

Como todos os tempos, também o nosso tempo é de Deus

Numa ocasião, Frei Egídio ouviu o grinar de uma galha. De repente, ele sentiu arder um fogo interior no seu coração e exclamou: *“Ó senhora galha, quero chegar até você para escutar o seu louvor do Senhor.*



Quero tomar a peito que você não está dizendo: ‘lá, lá!’¹, a saber: numa outra vida, mas: ‘cá, cá!’², quer dizer, aqui mesmo é preciso esforçar-se para fazer o bem” (Da Vida do Bem-aventurado Frei Egídio).

¹ Em italiano: “la, la”.

² Em italiano: “qua, qua”.



idéias fundamentais para uma vida e um agir missionários no nosso tempo

Os irmãos e irmãs franciscanos podem apoiar-se numa já muito longa história, procurando suas raízes na Bíblia, nas tradições franciscanas e na história das missões franciscanas. Nas lições estudadas até agora, foram ressaltados alguns aspectos destas tradições. A nossa época contemporânea, porém, vê-se face a face com uma série de problemas novos, muito concretos e específicos. Esta realidade reclama uma atenção especial da parte da Igreja e do nosso movimento franciscano. Através de vários documentos oficiais, tanto da Igreja como da Ordem, essas intuições e preocupações receberam sua expressão concreta.

Uma vez que estamos tratando dos princípios das missões especificamente franciscanas, vamos concentrar-nos, aqui, na análise de alguns destes documentos da Ordem. No que diz respeito ao conteúdo, não estamos preocupados em oferecer receitas prontas, aplicáveis sempre e em toda parte. O que visamos realmente, é buscar as idéias-mestras capazes de servir de orientação para a vida e atividade missionárias.





Visão de Conjunto

II.

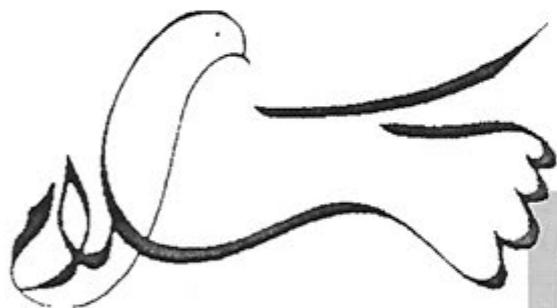
Entrar na dinâmica missionária original

Primeiro, vamos procurar a justificativa da missão franciscana. Se a Ordem, como um todo, for missionária por sua própria natureza, então, cada irmão e cada irmã tem que participar igualmente desta mesma dinâmica fundamental.

Num segundo ponto, vamos tratar de aspectos específicos da missão franciscana, sobretudo de atitudes fundamentais que precisam caracterizá-la. Será importante chamar atenção ao fato de que, hoje em dia, o conceito "salvação" vem sendo entendido em um sentido mais amplo do que era entendido antigamente pelo lema franciscano "Pax et Bonum", pois sabe-se que a noção de "Paz e Bem" ultrapassa, infinitamente, tanto a história como as forças humanas. Jamais seremos capazes, aqui na terra, de alcançar este fim por nossas próprias forças. "Paz e Bem" não são coisas que se possam fabricar. Entra aqui o aspecto transcendente da Salvação. Convém, todavia, apontar também explicitamente para o aspecto imanente de Salvação. É preciso aspirar por "Paz e Bem" nas relações interpessoais, na convivência, nas comunidades e fraternidades, e entre os povos e as culturas.

Há pessoas que acreditam que os documentos modernos da Ordem já não se integram na autêntica tradição franciscana.

Será preciso refutar tal objeção. Finalmente, iremos indicar pistas para algumas aplicações práticas.



Salam

Peace

Pax

Friede

Paix

Paz



Hoje, um movimento que se identifica como sendo “franciscano”, deve ser capaz de representar de maneira autêntica, os objetivos originais de São Francisco. Não há dúvida de que Francisco se sentiu missionário, tanto quando estava entre os “sarracenos”, como quando vivia e agia na Itália. Anunciava o Evangelho, “Paz e Bem” e queria que todo mundo se convertesse ao Cristo, alcançando a salvação no encontro com o Senhor.

Vivendo e agindo deste modo, Francisco chegou a dar um novo impulso à tarefa missionária da Igreja. *“Enchia toda a terra com o Evangelho de Cristo”* (1C 97).

Como no tempo de Francisco, podemos verificar, também hoje, a existência de uma crise missionária. O movimento franciscano é chamado a contribuir para que essa crise possa ser superada de modo criativo, sem que se recorra para isto a conceitos equivocados ou ultrapassados.



A família franciscana é em si missionária

1.1.

Costuma-se fazer distinção entre “institutos missionários”, dedicados exclusivamente à atividade missionária, fundados para este fim, e outros institutos que – além de suas tarefas pastorais ordinárias –, assumem também certas obras ou atividades missionárias. Esse tipo de distinção, porém, parece representar uma noção muito estreita do conceito “missão”, por ser aplicável unicamente àquelas atividades que se concentram em países longínquos, na tentativa de converter seguidores de outras religiões e crenças ao cristianismo. É verdade que um engajamento missionário entre outros povos e outras culturas continua tendo o seu valor, mesmo se os tempos e a interpretação do sentido de “missão” já tenham mudado de conteúdo. Convém lembrar, todavia, que justamente, para Francisco, o sentido da missão era muito mais amplo, significando o fato de dar um testemunho de vida, tanto aqui como acolá; anunciando a Palavra – também tanto por perto quanto ao longe – se assim for agradável a Deus. Resumindo: o movimento franciscano é essencialmente missionário por natureza.



Esta nova compreensão conciliar de missão, assumida por todos os ramos da família franciscana após o Vaticano II, se reflete igualmente nos mais recentes documentos missionários. Se, a seguir, iremos citar alguns trechos representativos destes documentos, é porque fazemos questão de frisar que se trata sempre do movimento franciscano em sua totalidade. Pois, por causa da riqueza e quantidade de documentos significativos para mulheres e homens que pertencem aos mais variados ramos da família franciscana, não é possível citar exaustivamente todas as contribuições valiosas que existem. Vejamos apenas alguns exemplos:

“Toda a nossa fraternidade é missionária, e todo irmão compartilha esta vocação missionária” (Medellín 1971, 2).

“Toda vocação franciscana é essencialmente missionária. O projeto de vida evangélica de Francisco contém uma dimensão apostólica, ultrapassando espontaneamente todas as fronteiras, pois o Evangelho também não reconhece fronteira alguma” (Mattli 1978, 10).



Como já dissemos, antes do Vaticano II, o conceito “missão” era aplicado – numa visão estreita – unicamente à atividade além-mar. Em consequência, as duas realidades, a da missão e a da província-mãe³, ficaram totalmente separadas e eram tratadas de modo diferente. Para os missionários, havia um “estatuto das missões”, contendo regras específicas e concedendo certas isenções da vida comum ordinária. Nas Constituições dos Capuchinhos, por exemplo, válidas para todos os irmãos, falava-se de missões somente no 12º capítulo, e com poucas palavras.

Na Igreja pré-conciliar, paralelamente, a missão era um assunto reservado aos missionários individualmente e não dizia respeito à Igreja do país de origem. Neste ponto, o Concílio Vaticano II trouxe uma mudança significativa. Definiu que a Igreja, como um todo, é missionária por natureza (*Ad Gentes 2, Lumen Gentium 1*).

Essa convicção do Concílio resultou na elaboração de um Decreto especial para as missões, afirmando a definição missionária fundamental no documento principal sobre a Constituição da Igreja (*Lumen Gentium*). Daqui por diante, ninguém mais pode dizer

³ A província de origem em que um franciscano ou uma franciscana entraram na vida religiosa.

que o assunto das missões não lhe diz respeito. Em consequência, os capuchinhos suprimiram até o seu Estatuto de Missões, transferindo todas as referências ao assunto para as Constituições, fazendo-as valer para todos os membros da Ordem.

Cada irmão, um missionário; cada irmã, uma missionária

1.2.

Agora já não é mais válido colocar a antiga questão polêmica se a “missão” exige ou não uma “vocação especial”.

“Fundamentalmente, esta tarefa missionária não pressupõe nem uma vocação especial, diferente da vocação comum de todos os irmãos, nem uma obrigação para a vida inteira” (Mattli 1978, 11).

Cada irmão é um missionário; cada irmã é uma missionária. Esta verdade fica ainda mais compreensível quando se fala hoje de “missão em seis continentes”. Em toda parte do mundo, onde vivem grupos humanos que desconhecem o Cristo, há, potencialmente, uma situação missionária.

Queremos dedicar-nos, missionariamente, *“àqueles que ainda não foram tocados pelo Evangelho e àqueles que se afastaram do Evangelho, tal como se lhes apresenta do modo tradicional. Pela nossa presença tentaremos ajudá-los a interpretar sua experiência e promover o bem que encontramos”* (Bahia 1983, 17; Mattli 1978, 6).



característica específica da missão franciscana

2.

Mediante recentes documentos franciscanos, procuraremos ajudar a identificar atitudes fundamentais que tornam compreensível aquilo que o lema “Paz e Bem!” quer dizer.

Atitudes fundamentais

2.1.

• Confiança na vida

Homens e mulheres franciscanos não devem sucumbir a tendências pessimistas, mas têm que anunciar a Boa-Nova de uma vida plenamente realizada. Portanto, num sentido



fundamentalmente franciscano, é válida a prioridade da vida sobre a palavra.

“Vivemos num período extraordinário da história humana, em que altíssimos progressos, nunca antes atingidos, coincidem com abismos de confusão e depressão, também antes nunca vistos. Hoje, mais do que nunca, temos de ser luz que ilumina o mundo... O Senhor, com efeito, nos colocou nas mãos, o remédio para o desânimo, o derrotismo, o abatimento e a ansiedade, que acabrunham nossa época. Temos a Boa-Nova” (Medellín 1971, 17).



Sombras do medo.

• Respeito pelas outras religiões

“Conhecemos povos de outras religiões, possuidores de preciosos valores espirituais, que não pretendemos destruir. Cremos firmemente que, também para eles, resplandece a luz, neles infundida pelo Criador dos homens” (Medellín 1971, 21).

“O Frade Menor se alegra com a valorização do mundo religioso. Louva ao Senhor pelas maravilhas que realiza entre todos os povos. Procura o diálogo e a oração partilhada. Assim chega-se a uma troca de dons e da experiência de Deus. Visitas recíprocas, sobretudo por ocasião de festas religiosas, tornam-se sinais de uma fraternidade geral crescente. Tais contatos também abrirão o caminho a empreendimentos comuns, em prol de justiça e paz entre todas as pessoas de boa vontade” (Mattli 1978, 27).

Na sua alocução pronunciada por ocasião do “Dia Mundial de Oração das Religiões pela Paz”, o Papa João Paulo II inaugurou expressamente esse caminho, animando-nos, franciscanas e franciscanos, a também entrarmos no caminho do diálogo inter-religioso.

• Procura comum da verdade

Não se trata de impor ou absolutizar a nossa verdade, mas trata-se antes de procurar conjuntamente a verdade, por meio de um diálogo fraterno.

“Fiéis às exigências da nossa minoridade, procuramos ganhar o coração das pessoas por meio do diálogo, do respeito mútuo, da escuta, da compreensão e da aceitação. Se formos portadores da mensagem e de certos valores, então devemos estar dispostos, igualmente, a reconhecer a mensagem e os valores dos outros. Por certo, compete-nos anunciar o Senhor, porém, devemos também escutá-lo humildemente, quando falar conosco através de tudo e de todos os irmãos” (Mattli 1978, 13).

“Juntamente com eles, investigando sua índole própria, travando um diálogo sincero, obedecendo ao Espírito Santo, procuremos constituir com eles uma verdadeira comunidade local, cristã e sacramental. Isto será fruto do diálogo e não se pode impor apenas de fora. Convém que nasça de dentro, pela união de suas aspirações religiosas fundamentais, com os valores autenticamente cristãos” (Medellín 1971, 14).

• Respeito às culturas

No encontro com outros povos, o franciscano *“apreciará os seus valores culturais e entoará o Canto do Sol, vendo o amor, o espírito comunitário, a decência e a alegria do povo: tudo existe e foi criado para Ele! Baseado nesta interpretação teológica, será mais fácil encarnar o Evangelho nas culturas, para que ali assuma uma nova forma e inaugure uma nova história”* (Mattli 1978, 25; cf. também Mattli 1982, 8).



• Superação de um clericalismo anti-franciscano

“Observamos oportunamente, que nos lugares onde as atividades e iniciativas da comunidade cristã se centralizam no sacerdote ou no seu substituto, o povo de Deus não amadurece em responsabilidade com relação à sua vida e ação cristãs... Recordamos, aqui, que os companheiros de São Francisco experimentaram-no como verdadeiro Irmão ('il Fratello'). Ele não estabeleceu sua comunidade sobre uma base hierárquica... Nós temos uma tarefa especial a cumprir dentro da Igreja, a saber, construir uma comunidade viva de irmãos e irmãs, e juntos, abrir caminhos, a fim de possibilitar que a bondade de Deus se torne realidade em todos os seres humanos” (Mattli 1982, 9).

Todos esses pronunciamentos estão admiravelmente formulados. Porém, para chegar à sua autêntica realização, será preciso pressupor e exigir muito:



• • • Conversão constante

“Se aceitamos Jesus, isto exige de nós uma metanóia, isto é, conversão pessoal e comunitária, caso quisermos penetrar nas culturas com os valores do Evangelho. Nós mesmos temos que nos evangelizar sempre mais, libertando-nos do pecado e de qualquer convivência que possamos ter com a injustiça e com a opressão, ou seja, de tudo aquilo que de alguma forma nos impeça receber e proclamar o amor de Deus atuante no mundo” (Bahia 1983, 15; cf. Mattli 1978, 12).

• • • Oração e mística

“Achamos oportuno lembrar aqui que São Francisco sempre quis adorar a Deus em todas as partes e em todo momento e amá-lo em todas as criaturas. Buscava o silêncio das grutas, dos bosques e das igrejas... Por essa razão desejamos devolver à oração, à liturgia e ao silêncio o lugar que merecem em nossa vida. Sem medo, queremos sair ao encontro dessa explosão de fé que descobrimos em nosso povo e participar nela com criatividade. Quando nos apresentamos diante de Deus junto com nossos irmãos, todos os nossos conflitos e sofrimentos, nossas expectativas e esperanças adquirem uma dimensão que a tudo transcende e, ao mesmo tempo, realiza” (Mattli 1982, 11; cf. também para esta temática a Lição 10).



• • • **Fraternidade autêntica**

“Nosso estilo de vida fraterna pode servir de exemplo para o mundo faminto de comunhão e ansioso por uma nova sociedade mais humana... Por isso demos um testemunho de fraternidade como a melhor forma de evangelização: ‘Nisto reconhecerão que sois meus discípulos’ (Jo 13,35). Nossa fraternidade é um convite a outros para que compartilhem o que somos, o que temos e o que fazemos” (Bahia 1983, 23; cf. toda a Lição 2). Sobre o mesmo tema, as clarissas declaram nas suas Constituições: “Algo de incalculavelmente precioso é apresentado pela nossa vida em comunidade de amor. Essa vida, que tem os seus fundamentos na comunhão com a vida da Santíssima Trindade, exige que revelemos diariamente esse mistério de amor de modo fiel e compreensível” (Art. 90).

E na Regra da OFS: *“O senso de fraternidade os tornará alegres e dispostos a identificar-se com todos os homens, especialmente com os mais pequeninos, para os quais procurarão criar condições de vida dignas de criaturas remidas por Cristo” (cap. 2, 13).*

• • • **Cooperação inter-franciscana**

“Queremos convocar a uma cooperação fraterna e ampla com todos os ramos da família franciscana, de irmãos e irmãs, em todas as ocasiões em que for possível” (Mattli 1978, 41; cf. Bahia 1983, 23-26).

Da Regra da OFS: *“A família franciscana reúne todos aqueles membros do Povo de Deus, leigos, religiosos e sacerdotes, que se sentem chamados ao seguimento do Cristo, na trilha de São Francisco de Assis. Por modos e formas diversas, mas em recíproca comunhão vital, esses procuram tornar presente o carisma do comum Pai Seráfico, na vida e na missão da Igreja” (cap. 1, 1).*

Nas “Propostas para o Futuro”, anexas ao documento do Congresso de Mattli (1982), se insiste de modo especial na cooperação inter-franciscana; sobretudo nos setores de formação, comunicação, justiça e paz.

A temática da colaboração e cooperação inter-franciscanas é também aprofundada detalhadamente na Lição 3.

O que significa a saudação “Paz e Bem!”?

2.2

Antes do Concílio Vaticano II, o conceito “salvação” era sinônimo de: aceitar a fé, receber os sacramentos e esperar a vida eterna. Tudo o que os missionários estavam fazendo para levantar o nível de vida do povo, por meio de escolas, hospitais e projetos rurais, foi considerado nada mais que uma “pré-evangelização”, o meio para um fim, visando criar um clima favorável, a fim de que as pessoas estivessem mais facilmente dispostas a receber o batismo.



Em 1971, porém, o Sínodo dos Bispos em Roma declarou, sobretudo sob a influência de bispos latino-americanos, que o engajamento em prol da justiça e do desenvolvimento constitui uma parte integrante da evangelização. Quem quer promover a evangelização, deve igualmente levar este aspecto a sério. Não é lícito tachar tal engajamento de "horizontalismo"⁴, mesmo reconhecendo que os sacerdotes devem dedicar-se, preferencialmente, à dimensão transcendente, enquanto que os leigos assumem a dimensão imanente da salvação.

O empenho pela salvação imanente não consiste somente em dar esmolas ou praticar um assistencialismo dispensado a pessoas inválidas, deficientes ou pobres. Exige, antes, a luta pela mudança de estruturas injustas, causas de situações desesperadas. Por este motivo, o Congresso de Mattli (1978) integrou o lema franciscano "Paz e Bem" dentro das novas situações socioeconômicas (cf. nº 20-24). Em nosso mundo moderno, deve ser possível perceber que a salvação evangélica, dada por Deus à humanidade, é uma realidade transformadora da vida. É o que pede também o Conselho Plenário aos Irmãos, na Bahia:

"Que nos conscientizemos a nós mesmos e a nosso povo acerca de sistemas injustos de dominação socioeconômica, política e cultural de milhões de pessoas no Terceiro Mundo, através de países superpoderosos e ricos, no Leste e no Ocidente, multinacionais e transnacionais; e promovamos uma nova ordem econômica e política que traga maior justiça ao nosso mundo" (Bahia 1983, 31d).

Em contraste com a antiga Regra da Ordem Terceira, a atual Regra da OFS anima as pessoas no mundo a ações corajosas: *"Estejam presentes pelo testemunho da própria vida humana, e ainda por iniciativas corajosas, individuais e comunitárias, na promoção da justiça, em particular, no âmbito da vida pública, comprometendo-se em opções concretas e coerentes com sua fé"* (cap. 2, 15).

Finalmente, o documento de Mattli (1982) colocou também todo o acento sobre estes aspectos (cf. nº 1 e 6). Não será possível alcançar este alvo de uma só vez. Antes, reclama um longo e lento processo de conscientização. *"Agora se vai tornando sempre*



Franciscanos unidos na busca de uma maior justiça para o mundo.

⁴ Redução da idéia e prática cristãs a um plano puramente social.

mais evidente que o desenvolvimento e a libertação não se podem impor de fora. Convém conscientizar os povos da própria condição e auxiliá-los a promover, eles mesmos, seu desenvolvimento e libertação. É muito eficaz esse método de conscientização. Através do diálogo, desperta a vontade de modificar a própria condição e promover, com os próprios recursos, uma vida autenticamente humana” (Medellín 1971, 20). Há uma grande tentação de apressar este processo pelo uso da violência. Para todos os franciscanos, porém, a atitude frente a esta alternativa deve ser clara: Os Irmãos “compreendem aqueles que no seu desespero recorrem à violência, pois, muitas vezes, não deriva do ódio, mas do amor pela justiça. Eles mesmos, porém, como franciscanos, preferem escolher uma outra atitude. Junto com o Cristo assumem a ‘kénosis⁵’ da renúncia a todo tipo de violência, confiando na força dos fracos. Para que não haja ambigüidade, podem participar ativamente de movimentos em prol da paz e de organizações contra a injustiça, quer sejam dirigidas contra a ditadura da Direita ou da Esquerda” (Mattli 1978, 22; cf. também Medellín 1971, 27).

“Chamados, juntamente com todos os homens de boa vontade, a fim de construir um mundo mais fraterno e evangélico para a realização do Reino de Deus, cõscios de que ‘cada um que segue o Cristo, Homem perfeito, também se torna ele próprio mais homem’, exerçam com competência as próprias responsabilidades no espírito cristão de serviço” (Regra da OFS, cap. 2,14).

Mais eficaz que tudo, porém, é um testemunho de vida, a vida com os pobres:

“Francisco encontrou a Cristo na pessoa do mais pobre dentre os pobres: o leproso. O amor do Pai fez-se real para ele através da pobre criança no presépio de Belém e do Servo Sofredor no Calvário. Francisco viveu e trabalhou com os leprosos e os pobres para compartilhar sua ‘bem-aventurança’. Encheu-se de alegria em sua baixa e falta de poder, sua enorme confiança na Providência e sua liberdade. Nós, franciscanos, também encontramos a Jesus, vivendo para os pobres, com os pobres e como eles. Assim, através de nossa pobreza e minoridade, podemos ser evangelizados e também evangelizar” (Bahia 1983, 28; cf. também 29).



⁵ Conceito neotestamentário para a auto-renúncia de Jesus (cf. Fl 2,5-11).



"Esta situação tem levado muitas Igrejas do Terceiro Mundo a buscar uma ação social solidária e fazer uma opção preferencial pelos pobres e contra a pobreza. Nestas Igrejas, o 'Poverello' de Assis é apresentado como o padroeiro da Igreja dos pobres... Vemos realizar-se em Francisco um processo que vai desde o ser para os pobres ao ser como os pobres e, finalmente, a viver como pobre" (Mattli 1982, 1).

O engajamento em favor dos pobres se tem desenvolvido concretamente frente a três sistemas da sociedade moderna: o sistema da Segurança Nacional, o sistema do Capitalismo internacional e o sistema do Marxismo (cf. Lição 21). Mattli assumiu, em 1978, uma posição inequívoca frente a esses três sistemas, denunciando duramente a sua violação dos direitos humanos. Mesmo assim, não exigiu uma prática do "tudo ou nada", mas recomendou o diálogo e a mudança por dentro:

"Existe uma maneira franciscana de estar presente nas lutas sociopolíticas. Consiste na capacidade de suportar e na fraternidade, no desafio e no espírito de paz. Todos têm necessidade desse tipo de testemunho" (nº 22). "O franciscano procura fortificar a consciência da própria dignidade dos pobres, preparando-os a defenderem os seus direitos. Por um diálogo franco, os irmãos, no Primeiro e no Terceiro Mundos, procurarão ganhar influência sobre as decisões tomadas pelos governos e pelas companhias multinacionais" (nº 23). "Devemos até estar prontos a 'viver entre os marxistas', falando com eles, assim como São Francisco foi procurar o sultão, apesar do sistema hostil do seu tempo, falando com ele de pessoa para pessoa, e enviando depois os seus frades no meio dos sarracenos, e não contra eles" (nº 24).

A opção pelos pobres é irreconciliável com a espiral interminável e descabida do armamentismo:

"Diante do fato de que se gastam cerca de 500 bilhões de dólares anualmente em armas, enquanto por dia morrem de fome 40 mil crianças, nosso mundo deve encontrar um meio para que se cumpra a profecia de Isaías: 'os homens vão transformar suas espadas em arados' (Is 2,4) e usar essa imensa quantia para atender às necessidades de nossa família humana" (Bahia 1983, 36).



Os franciscanos devem usar todos os meios legítimos para lutar em prol da defesa dos direitos humanos (Mattli 1982, 3), e de modo especial também pelos direitos da mulher na sociedade e na Igreja (Mattli 1982, 2).

De todas estas sugestões, visando o anúncio da salvação transcendente e imanente, devemos lançar mão, não como donos da

situação, mas como servidores das Igrejas locais, nas estruturas das quais tentaremos engajar-nos o mais possível (cf. Mattli 1978, 18).



Respondendo a uma objeção

3.



Tradicionalmente, a Ordem franciscana ofereceu uma imagem de estar muito próximo do povo, fomentando a religiosidade popular e concentrando-se em ouvir confissões, pregar e fazer peregrinações. Assim, muita gente não consegue entender a nova imagem da Ordem, ou seja, a sua recente insistência na "Justiça e Paz". Discutem a validade da crítica feita à Igreja pelo Congresso de Mattli (1982), a exigência da superação do clericalismo, assim como as outras críticas feitas à sociedade em geral.

Certos grupos, tanto dentro como fora da Ordem, acham que este documento é irreconciliável com o espírito franciscano de piedade, bondade e total fidelidade à Igreja.

Neste ponto convém questionar a posição destes círculos tradicionalistas. A sua maneira de interpretar a história da Ordem será realmente a única válida? Neste contexto citamos o Cardeal Joseph Ratzinger: "O 'não!' lançado contra as formas atuais da Igreja, ou seja, aquilo que hoje em dia se chama 'protesto profético', por certo não é mais radical agora do que foi no tempo de Francisco." Além disso, não se trata de imitar os gestos e atitudes de Francisco ou Clara



de modo servil em todos os detalhes. O próprio Francisco escreve no seu Testamento: *"Foi assim que o Senhor me concedeu a mim..."* (Test 1). São Bonaventura, por sua vez, cita as seguintes palavras que Francisco pronunciou no seu leito de morte: *"Cumprir minha missão; que Cristo vos ensine a cumprir a vossa!"* (LM 14,3).

Portanto, a nossa tarefa será a de descobrir, definir e viver a nossa vocação profética na Igreja e na sociedade sempre de maneira nova. Por isso, no mundo inteiro franciscanos e franciscanas procuram interpretar os sinais dos tempos, levar a sério os direitos humanos e praticar a co-responsabilidade por uma Igreja que procura a conformidade com o Evangelho e com os pronunciamentos do Concílio Vaticano II, no sentido de empenhar-se por uma sociedade mais justa.



Algumas aplicações práticas

4.

Esperar novas iniciativas proféticas e missionárias

4.1.

Se levarmos a sério a orientação missionária do movimento franciscano, então, deveremos tentar, por todos os meios, alcançar com o Evangelho os 50%, 70% ou até 90% da população do Ocidente tradicionalmente cristão que já não vivem a sua pertença à Igreja. Com razão, a Europa é conhecida hoje como a terra de missão mais difícil. Seria justo esperar de nossa parte algumas iniciativas proféticas e missionárias realmente novas.

Trabalhar pela unidade da humanidade

4.2.

Francisco e Clara se relacionavam com todo mundo. O empenho em prol da unidade deve ser a nossa preocupação principal. Acima de todas as formas de nacionalismos, de interesses partidários e de ideologias, convém anunciar e insistir no anúncio libertador do amor que Deus tem para com os homens.

Criar estruturas necessárias para a formação

4.3.

Hoje, já não pertencemos a comunidades marcadas pelo espírito europeu-ocidental, enviando missionários a missões além-mar, mas constituímos um movimento mundial

espalhado em seis continentes. Por este motivo, as nossas comunidades necessitam urgentemente de novas estruturas de formação, assim como de formadores capazes de trabalhar em colaboração inter-franciscana.

A importância da conscientização missionária

Na formação das novas gerações de irmãs e irmãos franciscanos, uma grande importância deve ser dada à conscientização missionária durante o período da sua formação (Mattli 1978, 35s; Bahia 1983, 27).

A Lição 4 ocupa-se de um modo especial com este tema.

Fontes eclesiais e franciscanas

Bíblia	Lc 4,16-22
Documentos da Igreja	AG 2; LG 1
Fontes franciscanas	1Cel 97; Lm 14,3; Test 1
Documentos interfranciscanos	Mattli 82, nº 1-3, 6, 8s, 11
OFM – OFM ^{Cap} – OFM ^{Conv}	Medellín 71, nº 2, 14, 17, 20s, 27 Madri 73 Mattli 78, nº 6, 10-13, 18, 20-25, 27, 37s, 41 Bahia 83, nº 15, 17, 23, 27s, 31, 36 Constituições dos OFM ^{Cap} parágrafo 94s
OSC (Clarissas)	
OSF (TOR)	
OFS	Regra 17, cap.1, 1; 2, 13s
Suplementos*	

* Observação: As fontes podem ser completadas pelo(s) participante(s) ou leitor(es) do curso.





1.

Procure ler atentamente o que está escrito no ponto 2.1. desta Lição: "Atitudes fundamentais".

Tarefa:

Leia os trechos indicados nos respectivos documentos e verifique a sua própria atitude frente aos seguintes temas: confiança, diálogo, respeito às culturas, respeito às religiões, superação do clericalismo, conversão contínua, fraternidade, oração e mística, cooperação inter-franciscana.



2.

Compare Lc 4,16-22 com o seguinte texto do Cardeal Dom Paulo Evaristo Arns, Arcebispo de São Paulo:

"Estudar a humanidade de Jesus não quer dizer negar a sua divindade. Pelo contrário, significa redescobrir o sentido mais profundo da sua divindade.

A teologia latino-americana está concentrando o seu esforço na contemplação dos atos de Jesus, porque está convencida de que nesta vida humana do Cristo se manifesta a revelação central de Deus.

Que necessidade teríamos dos Evangelho, se não fossem a reprodução fiel da Palavra de Deus? Porém, é justamente a vida humana de Jesus que nos impele a engajar-nos em favor dos pobres e da sua libertação."

Perguntas:

1. Que relação existe entre as palavras de Jesus acerca da salvação eterna e a cura de doentes que praticou?
2. Revendo os dois textos: Como se relacionam a salvação da alma e o bem do corpo?



A seguir, são apresentados quatro testemunhos, vindos da Ásia, da América Latina e da África. Compare estes testemunhos de vida.

a) As Franciscanas Missionárias de Maria (FMM) nas Filipinas – Volta a uma simples presença no meio do povo

“Até o ano de 1971, a Igreja nas Filipinas agiu principalmente através de escolas e hospitais, atingindo preferencialmente as classes altas da população. Na primeira Assembleia Geral de Superiores as participantes das províncias de várias congregações religiosas chegaram à conclusão, durante uma “revisão de vida”, de que não podia ser conforme à intenção de Jesus que os pobres não estivessem sendo atendidos.

Junto com outras congregações, as Franciscanas Missionárias de Maria resolveram fechar algumas escolas para liberar as irmãs que ali trabalhavam. Essas irmãs receberam uma nova formação e começaram a formar pequenas comunidades de 3 a 4 membros. Foram viver nos bairros pobres, morando em habitações muito simples. Esta mudança de estilo de vida ocasionou também nelas uma conscientização, dando-lhes uma nova visão de vida e mostrando-lhes meios de como melhor agir e ajudar aos outros.

Efetivamente, estavam praticando ‘o primeiro modo de ir aos sarracenos’, do qual São Francisco escreveu na sua Regra Não-Bulada. Consiste em ir viver no meio do povo, declarando-se cristão; porém, no mais vivendo como pessoa honesta e prestativa, marcando uma simples presença – como membro qualquer da comunidade.”

b) As pequenas comunidades franciscanas no Nordeste brasileiro – Um passo imprescindível: a troca do lugar social

Como podem as irmãs encontrar-se melhor com os pobres na cidade e no campo? Se um assistencialismo, no sentido antigo, não for suficiente, então um passo a mais seria necessário: Como comunidade devem fazer parte da comunidade dos pobres. Ir. Benvenuta descreve, no texto a seguir, a tentativa de um grupo de franciscanas brasileiras de viver no meio do povo:

“Éramos um grupo de três a cinco irmãs, com um desejo comum: dar testemunho do Reino, vivendo no meio do povo, mas fora das estruturas e dos moldes tradicionais de uma vida religiosa.



Durante muito tempo, o nosso trabalho e a nossa ação pastoral se restringiram a ir ao povo sem fazer parte dele. Porém, não conseguimos partilhar nem as suas dificuldades e lutas, suas dores e angústias, nem os seus problemas existenciais diários, porque acompanhávamos a vida do povo de longe, sem partilhá-la. Por este motivo, nos era muitas vezes difícil entender o comportamento do povo, e, às vezes, as suas reações nos chocavam. Não conseguimos chegar até o fundo dos problemas, que tocam a vida do povo e a tornam tão amarga. Por isso, a nossa ação nunca deu os resultados desejados.

Porém, a partir do momento que entendemos isto e decidimos dar o passo decisivo e fundamental de mudança do lugar social, quando começamos a morar no meio do povo, assumindo todas as conseqüências que isto implicava, a nossa atitude frente ao povo e aos seus problemas mudou, tornando-se mais humana.

A simples mudança de lugar social nos abriu os olhos. Somente agora somos capazes de realmente sentir, no próprio corpo, as causas de tantas dificuldades que os nossos irmãos estão sofrendo” (Irmã Benvenuta Silva, IMC, Brasil).

c) Uma reportagem da Costa do Marfim, na África – O diálogo da vida

Gwénolé Jeusset, um franciscano francês da Bretanha, vive e trabalha como missionário na Costa do Marfim, tentando manter um diálogo de vida com a população muçulmana: “Há dez anos que estou vivendo uma aventura espiritual dentro de um antigo ‘peuille’ (uma tribo) islâmico, que tem grande influência sobre os muçulmanos de Abidjan. Trabalho junto com um grupo de sacerdotes, religiosos e leigos, formado de dez pessoas, metade delas européias, a outra metade africanas. O grupo encontra-se com bastante regularidade, ao menos neste último ano.

Às vezes, reunimo-nos com um grupo islâmico, junto com o qual formamos ‘o grupo islâmico-cristão’ de Abidjan. Na África negra, constitui um dos únicos grupos deste gênero, sendo o mais antigo. Foi fundado em 1971. Para fomentar o diálogo, redigimos um periódico em Abidjan, chamado Relations (Relações), que é lido tanto por cristãos como por muçulmanos. Está ajudando o entendimento mútuo. O grupo aumentou e sente-se fortificado”.

Porém, é preciso acrescentar que muito depende da pessoa que está à frente deste movimento. Um colaborador islâmico do periódico *Relations* escreveu, na edição especial de Natal de 1983: “A nossa edição chegará com atraso nas suas mãos. Seguramente entendem o porquê. Cada vez que o Pe. Gwénolé está ausente, o grupo de amigos muçulmano-cristãos só avança a passos lentos.”

d) Uma carta de Moundou, no Tchad, de dezembro de 1984 – Construindo uma Igreja dos Pobres

“Que este país agite o meu estômago!” Com este voto fui recebido por uma velha na sua língua natal (Ngambay), em Doba. Ela estava contente de rever-me no Tchad, depois de 14 anos de ausência. Mas é verdade: este país está atrapalhando o meu interior! É inimaginável o que esses homens, mulheres e crianças têm que sofrer, muito pior do que quando eu estava no Tchad pela primeira vez. Em Doba, onde passei uma semana, não consegui sair do meu quarto sem confrontar-me com uma dezena de adultos, jovens ou crianças, esperando à minha porta, e pedindo: ‘Padre, temos tanta fome!’ Essa fome terrível está matando centenas de pessoas diariamente. Os vossos jornais e a televisão estão lhes dizendo que a causa desta fome é a seca. Porém, aqui no Sul, sabemos que é a guerra, que já está durando anos, e até aumentando em ferocidade nos últimos meses.

Raramente, alguém admite que a guerra seja a causa de tanta fome, mas muitos camponeses foram mortos, outros tiveram que assistir, indefesos, quando os soldados pilharam brutalmente as suas pobres granjas, queimando-as depois. Aldeias inteiras foram destruídas. A única chance para sobreviver é a fuga para o mato, ou o exílio no Sudão ou num outro país vizinho.

Numa tal situação, quando os pobres ficam cada vez mais pobres, sentimo-nos tão pequenos, incompetentes, incapazes; porém, ao mesmo tempo, desafiados até o mais profundo do nosso ser. Muitas perguntas surgem então, perguntas sérias a respeito do mundo que estamos construindo e a respeito da nossa co-responsabilidade em tudo isto. (...) Não é fácil ver claro. Só uma coisa é evidente: a situação está sendo um grande desafio à nossa generosidade; o desafio de construir uma Igreja mais desligada da Europa, uma Igreja realmente africana, que não se contenta em ensinar o catecismo, batizar e rezar, mas que seja realmente uma Igreja dos pobres, onde os pobres estão em casa, podendo realmente falar da sua vida, retomar ânimo e energia, para liberar-se e enfrentar de novo uma vida que ameaça esmagá-los diariamente. Os cristãos europeus e africanos que passaram pelas experiências destes últimos meses serão capazes de reconhecer e assumir este desafio?

Desde o início de outubro, estou na cidade de Moundou, junto com dois capuchinhos naturais daqui. Um terceiro prometeu juntar-se a nós, um pouco mais tarde. Também há um Irmão francês no nosso grupo. Durante dois meses, fomos morar fora da missão, em uma casa que a cooperativa nos cedeu. Não tivemos que pagar nada. Porém, agora encontramos uma casa simples dentro do cidade. Assim, estamos mais perto do povo. Na nossa vida, a oração, a meditação, a reflexão em comum e as relações inter-pessoais têm muita importância. Fazemos, nós mesmos, os trabalhos de casa, cozinhando, fazen-



do as compras, limpando. Humberto está trabalhando meio expediente como enfermeiro no hospital.

Os dois irmãos tchadianos, um mecânico e outro jardineiro, ainda não encontraram emprego. Eu estou acompanhando as postulantes e professoras das Franciscanas de Donia na sua reflexão sobre São Francisco. Estou acompanhando também um grupo de jovens que querem entrar no seminário no ano que vem. Na nossa comunidade, vamos tentar juntos, nos próximos dois anos, viver o Evangelho no espírito de São Francisco. Queremos colaborar para que Jesus Cristo e o seu Evangelho se encarnem de uma maneira nova nesta Igreja dos pobres. Posso-lhes assegurar: não é fácil encontrar o caminho na situação atual. Fatores agravantes são as dificuldades de entendimento, que surgem das culturas, da formação, das mentalidades diferentes.

Assim, na nossa vida em comum, não faltam tensões; porém, isto é muito enriquecedor. Oferecem a oportunidade para perseverar num diálogo difícil, no intuito de partilhar e aceitar as diferenças. Há a descoberta alegre de que uma vida fraterna é possível entre pessoas de raças e origens tão diversas. Rezem, para que saibamos agüentar firmes. Vale a pena.

Os pobres do Tchad, tão castigados, estão unidos a vocês pela coragem e pela confiança num futuro melhor, pela sua fé e a esperança em Deus, que liberta e dá a paz. Todos os irmãos estão saudando a vocês, e eu envio o meu abraço fraterno” (Fr. Hervé Roduit, OFMCap).

Perguntas:

1. Em que pontos estes testemunhos se assemelham?
2. Será que você realiza as “atitudes fundamentais” exigidas no texto acima?
3. Será que você já fez experiências semelhantes na sua própria vida?



Leia o texto seguinte:

“Normalmente, por serem estrangeiros, missionários em terras longínquas não têm possibilidade de influir em estruturas políticas destes países. Mesmo assim, devem estar conscientes de que as suas palavras podem contribuir para exacerbar, até o derramamento de sangue, questões candentes tratando de justiça e liberdade. Se for assim, terão que assumir co-responsabilidades pelos atos de violência que se cometem. Há quem justifique violência como método político; porém, jamais pode ser um método franciscano.

Todas as revoluções visam uma mudança de estruturas, impondo a manutenção ou a supressão dessas estruturas contra o bem-estar dos indivíduos. Nestas ocasiões, há sempre a perda de vidas humanas, para fazer prevalecer e justificar idéias. O Nazismo, na Alemanha, o Stalinismo, na Rússia, e o Maoísmo, na China, sacrificaram milhões de vidas humanas para construir uma nova sociedade, sempre à custa do povo.

Um franciscano jamais poderá aceitar uma mudança estrutural que utiliza a violência para alcançar e legitimar os seus fins. Os franciscanos devem estar sempre dispostos a salvar a vida dos indivíduos para que não sejam esmagados por estruturas injustas. O dever franciscano de assumir o lado dos fracos, deve sempre ser mantido. Esta foi a atitude de Jesus: Ele sempre defendeu os direitos dos indivíduos” (Lucian Mulhern, OFM, EUA, e Noel O’Dwyer, OFM, Inglaterra).

Tarefa:

Ponderar sobre as conseqüências desta atitude para a vida real!





Leia o texto a seguir e responda às perguntas:

“Na Ásia, os franciscanos devem aprofundar ainda mais certos valores asiáticos, como por exemplo:

- um estilo de vida simples e despretencioso;*
- fraternidade e paz;*
- contemplação;*
- o sentido do ‘cósmico’ na vida.”*

(Ir. Grace Chu, FMM, Hong Kong, e Ambrose Nguyen Van Si, OFM, Vietnã)

Perguntas:

1. Além de serem valores asiáticos, será que se trata de valores tipicamente franciscanos também?
2. Em caso afirmativo, por que os asiáticos procuram frisá-los ainda mais?

Em português

- AA.VV. *Francisco na ótica latino-americana*, Petrópolis, Sinfrajupe, 1991.
- AA.VV. *Os franciscanos ante os desafios do Terceiro Mundo*, Petrópolis, Vozes/Cefepal, 1983.
- AA.VV. *A maneira franciscana de evangelizar*, Petrópolis, Vozes/FFB/CFMB, 1996.
- AA.VV. *O franciscanismo no mundo de hoje*, Petrópolis, Vozes, 1981.

Em alemão e outras línguas

- Documentos interfranciscanos, Mattli 1982. De L. Boff e W. Bühlmann (eds.). *Baue meine Kirche auf: Franziskanische Inspirationen aus Dritten Welt* (Düsseldorf 1983) 170-179.
- Ordensrat OFM 1983. *Bahia 1983. Das Evangelium fordert uns heraus. Überlegungen zur Evangelisierung*, em: *Missionszentrale der Franziskaner* (edit.), *Série Berichte – Dokumente – Kommentare*, Caderno 19 (Bonn 1983) 26s.
- Bey, H. von der. *Vom kolonialen Gottesexport zur befreienden Mission*. 4ª parte: *Postkonziliare Tendenzen und Entwicklungen einer franziskanischen Missionstheologie* (Bonn 1996).
- Missionszentrale der Franziskaner (edit.). *Den Aufbruch wagen. Die missionarische Herausforderung der Franziskaner heute*, em: *Série Berichte – Dokumente – Kommentare*, Caderno 15 (Bonn 1982).
- . *Herausforderungen. Eine neue Lesart der franziskanischen Idee* (Werl 1983).
- Ratzinger, J. *Bemerkungen zur Frage der Charismen in der Kirche*, em: Bornkamm, G. e Rahner, K. (edit.). *Die Zeit Jesu. Festschrift für H. Schlier* (Friburgo 1970) 269.



Legendas das Ilustrações

VII.

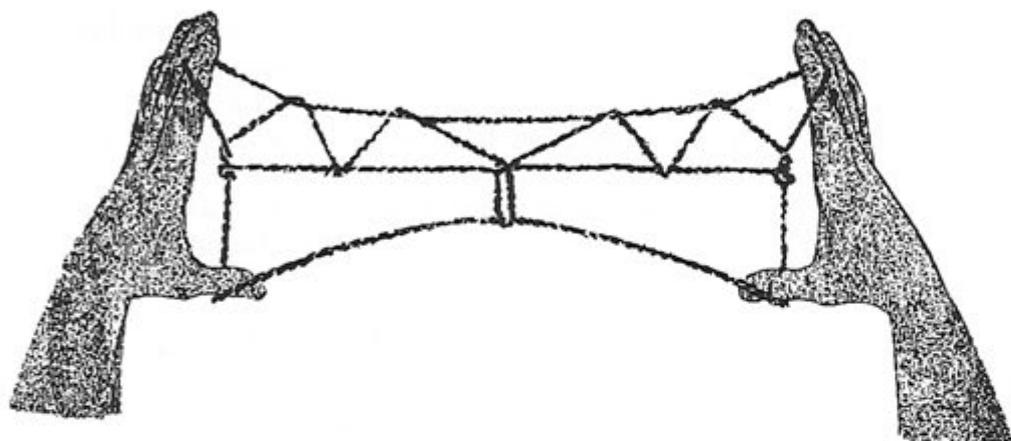
- Capa:** São Francisco. Pintura afresco de Giotto; na igreja superior do Sacro Convento, Assis.
- Folha de rosto:** Fonte. De: Ferment 1/96, fotografia: H. Wirz.
- P. 4 :** Gravura em madeira, M. Gubig, 1992.
- P. 6 :** De: Franziskaner Mission, 2/96.
- P. 7 :** Francisco pregando a homens e animais. Gravura em madeira de W. Traut, Nürnberg 1511/12.
- P. 8 :** De: INFAG-Nachrichten, 1/96.
- P. 9 :** De: Franziskaner Mission, 2/95, fotografia: kna.
- P. 10 :** Sombras do medo. Gravura em madeira de Irmã Christina Mülling.
- P. 11 :** De: Franziskaner Mission, 2/96, fotografia: Stark, present.
- P. 12 :** De: Franziskaner Mission, 2/95, fotografia: present.
- P. 14 :** Franciscanos cercando o mundo. Imagem de L. Long.
- P. 15 :** De: Franziskaner Mission, 1/95, fotografia: fm arquivo, M. Gamba.
- P. 16 :** De: Franziskaner Mission, 3/93, fotografia: present.
- P. 17 :** Evangelização na Gambia, fotografia: present.

Para refletir



Tu
Deus dos homens
Tu queres que sejamos teus aliados
Na união do amor.

Desperta em nós a energia
De unir contradições e antagonismos
E de desatar os nós.



Dá-nos a capacidade
De proferir tua palavra reconciliadora
E de manifestar sinais de libertação.

Chama para ti, a partir do nosso convívio,
Pessoas transparentes e conscientes de ti
Pessoas que lançam pontes a fim de atar os laços do amor
E que transformam tua união em festa.

Anton Rotzetter



Este livro foi impresso nas oficinas gráficas da
Editora Vozes Ltda.,
Rua Frei Luís, 100 — Petrópolis, RJ,
com filmes e papel fornecidos pelo editor.

Para adquirir os cadernos das lições, favor entrar em contato com:



FAMÍLIA FRANCISCANA DO BRASIL

CNPI 31.166.622/0001-18

Rua Coronel Veiga, 1705 - CEP 25655-152

Caixa Postal 90.174 - CEP 25621-970

PETRÓPOLIS - RJ

PABX (0xx24) 242-5247 e 242-1300

FAX (0xx24) 242-7644

E-mail: ffb@compuland.com.br

Lições já publicadas:

0. Introdução e visão de conjunto
1. Cristianismo, a religião de Encarnação
2. A família franciscana
3. Cooperação interfranciscana hoje
4. Formação inicial e permanente
5. Fundamento bíblico-profético da missão franciscana
6. A origem da missão franciscana no mistério trinitário
7. A missão franciscana nas primeiras fontes
8. Fidelidade e traição: A história da missão
9. A missão franciscana segundo as fontes modernas
10. Unidade de contemplação e missão

Próximas lições a serem publicadas

11. Decisão por Cristo e amplitude universal
12. Fraternidade universal: Reconciliação com Deus, com o homem e a natureza
13. A missão franciscana e o anúncio da palavra
14. Irmãs e irmãos num mundo secularizado
15. O diálogo com outras religiões: Um caminho franciscano